

RELATO A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS POR EDUCADORES POPULARES NO BAIRRO DE HELIÓPOLIS, GRANDE SP

Heloísa Bitu Boss¹
Letícia de Oliveira Cintra Morethes²
Samon Noyama³

INTRODUÇÃO

“São Paulo, dia 1º de Outubro de 1992,
oito horas da manhã
Aqui estou, mais um dia
Sob o olhar sanguinário do vigia
[...]

Vários tentaram fugir, eu também quero
Mas de um a cem, a minha chance é zero
Será que Deus ouviu minha oração?
[...]”
(RACIONAIS MC's, 1997)

A canção acima, retirada do *single* “Diário de um detento” do grupo Racionais Mc's, faz menção ao massacre do Carandiru, ocorrido numa penitenciária de São Paulo em 1992. 7 anos depois, em 1999, uma aluna da E.M.E.F. Campos Salles, Leonarda Soares Alves, foi brutalmente assassinada pelo então ex-namorado, na frente da escola, no bairro de Heliópolis. Desde então, todo ano o bairro se mobiliza para organizar uma Caminhada Pela Paz em homenagem à estudante.

O bairro educador se ergueu historicamente a partir do coletivo. As construções de sindicatos, movimentos de moradores e aliados se deu a partir da necessidade de

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas da Universidade Federal do ABC - UFABC, heloisa.boss@aluno.ufabc.edu.br.

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas da Universidade Federal do ABC – UFABC, leticia.cintra@aluno.ufabc.edu.br.

³ Docente da Licenciatura em Filosofia na Universidade Federal do ABC – SP. Graduado em Filosofia pela UFRJ (2006), Mestre em Filosofia pela UFOP (2009), Doutor em Filosofia pela UFRJ (2014), com período sanduíche na Universidad Autónoma de Barcelona, s.noyama@ufabc.edu.br.

melhorias para o bairro, pensando em todas as esferas diante de um descaso estatal. Movimentos como a UNAS (União de Núcleos, Associações dos Moradores de Heliópolis e Região) foram os responsáveis pela desconstrução de narrativas que construíssem Heliópolis como o “lixo urbano” de São Paulo, onde a violência impera. Assim foram erguidas escolas, CEU’s, creches e muito mais. Assim é que o bairro de Heliópolis se tornou o bairro educador.

Heliópolis clama por socorro enquanto, paradoxalmente, demonstra ser potência no ramo da educação, fruto de muita luta e resistência. A construção deste resumo tem como justificativa a necessidade de uma expansão dos debates acerca das desigualdades educacionais, políticas educacionais que asseguram o abismo entre desfavorecidos e favorecidos, a falta de recursos destinados à bairros periféricos e, pelo lado positivo, a emergência de uma educação não-formal em lugares que tendem a ser marginalizados pelo sistema. Tudo isso será organizado em forma de narrativas que contam um relato de experiência de uma professora do 9º ano que transitou entre duas escolas periféricas.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Análise de vivência escolar e preparação de materiais didáticos com referencial bibliográfico. Tal análise foi feita em duas escolas municipais do estado de São Paulo sob a supervisão de Samon Noyama⁴ e os materiais utilizados em sala de aula foram: giz, lousa, mapas mentais, projetor, canetões, folhas de sulfite, jogos elaborados pela professora, cones, cordas, régua, etc. A metodologia consiste em uma narrativa da vivência escolar a partir de um relato de experiência.

REFERENCIAL TEÓRICO

A escolha pela canção como elemento introdutório deste resumo tem como intuito fazer uma relação não somente à violência ocorrida, mas também mostrar a convergência entre a sociedade disciplinar (FOUCAULT, 1987) existente entre as instituições “escola” e “prisão”. Além disso, como o foco deste resumo se baseia em um relato de experiência, a escolha da canção está atrelada à uma cultura do bairro educador: em muitos momentos, o alunado do 9º ano da E.M.E.F. Luiz Gonzaga do Nascimento Jr., onde ministrei aulas, escolhia canções da banda Racionais Mc’s como recurso de aprendizagem.

⁴ Professor adjunto da Universidade Federal do ABC.

Numa tentativa de tornar o ambiente mais acolhedor e menos disciplinar, optei pela Pedagogia da Libertação. Como estava ministrando aulas em um ambiente de educação formal, tive problemas: professores cadastrados na rede não eram de acordo com as nossas metodologias, os alunos não entendiam que eles podiam ser os protagonistas da aula, etc... Sair de uma concepção bancária de educação e adentrar num outro universo foi algo desafiador. Segundo Freire (2018):

Quanto mais analisamos as relações educador-educandos, na escola, em qualquer de seus níveis (ou fora dela), parece que mais nos podemos convencer de que estas relações apresentam um caráter especial e marcante - o de serem relações fundamentalmente narradoras, dissertadoras. Narração de conteúdos que, por isto mesmo, tendem a petrificar-se ou a fazer-se algo quase morto, sejam valores ou dimensões concretas da realidade. Narração ou dissertação que implica um sujeito - o narrador - e objetos pacientes, ouvintes - os educandos. (FREIRE, 2018, p. 79)

Os alunos das escolas, imersos num ambiente bancário e conteudista, não entendiam a importância da criticidade em seus estudos. Após muito tempo percebendo as contradições escolares, percebi que tudo aquilo era oriundo das avaliações que o estado realiza, afim de garantir recursos para a escola no fim do ano, como o IDEB, que será analisado mais adiante.

Paralelamente à um ensino formal de educação, sob as amarras de um currículo que obriga os professores a seguirem uma metodologia específica, há uma saída: os modelos não-formais de educação. Segundo Gohn (2011): “na educação não formal a cidadania é o objetivo principal, e ela é pensada em termos coletivos”. Ou seja, construir uma educação **coletiva** seria o foco da educação não-formal, um embate direto para com o modelo formal em vigência, visto que as avaliações curriculares classificam as escolas e repartem desigualmente a renda entre elas, piorando o abismo educacional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo da minha experiência no bairro educador, ministrei aulas para quatro turmas diferentes. Uma em 2022, que consistiu do período de agosto até dezembro, e as demais em 2024, que consistiram de janeiro até o período em que escrevo este resumo (outubro), tendo como previsão de término o mês de dezembro. Duas turmas estão na E.M.E.F. Luiz Gonzaga do Nascimento Jr., a terceira está situada na E.M.E.F. Abrão Huck.

Além das mazelas sociais que assolam o bairro de Heliópolis, há também o descaso político por parte da prefeitura. As escolas sofrem com cortes de verba da gestão municipal e, em março de 2024, funcionou parcialmente devido à uma greve dos

funcionários da educação por melhores condições salariais e de emprego. As escolas recebem, muitas vezes, equipamentos quebrados ou em mau-funcionamento, mas dentre as muitas escolas públicas da região, destacam-se. Todas as salas possuem projetor, computador e lousas. No Gonzaguinha, todas as salas possuem quadro branco e canetões; no Huck, as salas possuem mapas-mundi. No entanto, tudo o que foi conquistado pelas escolas é fruto da reivindicação e união do bairro.

Dentro das escolas, há vida. Nota-se um constante movimento: todos os dias existem variadas atividades nas escolas ocasionadas e construídas por parcerias entre alunos, professores e outras organizações de dentro de Heliópolis, como a UNAS (União de Núcleos, Associações dos Moradores de Heliópolis e Região), por exemplo. Em algumas ocasiões, estão presentes também universidades - há psicólogas da USP (Universidade de São Paulo) e PUC (Pontifícia Universidade Católica), estagiárias da pedagogia de outras universidades também. Dos projetos realizados, destaca-se o trabalho do professor Gutenberg (E.M.E.F. Gonzaguinha), que realiza atividades contra a LGBTQIA+fobia e leva os alunos para o Museu da Diversidade Sexual de São Paulo. Neste projeto, observou-se que foram criados quadros que eram expostos no mural da escola.

Como forte característica das escolas - e do 9º ano - e sendo consequência de múltiplos fatores, os ambientes escolares carregam uma forte presença de “corpos rebeldes”. Ou seja, alunos que tentam a todo custo enfrentar o sistema e se tornam muitas vezes subversivos. O clima de brincadeira, piadas, bullying e euforia adolescentes encontram-se presentes no dia-a-dia da escola, comportamento típico de um ambiente escolar muitas vezes sucateado pelo próprio sistema educacional vigente. Tal sistema é responsável por uma disciplinarização constante, reforçada pela preocupação em garantir recursos para a escola, que só são disponibilizados a partir do desempenho do alunado em avaliações específicas.

Como exemplo, no dia 15 de agosto deste ano fui chamada à sala da diretora da E.M.E.F. Luiz Gonzaga do Nascimento Jr. para uma conversa. A diretora, sempre muito preocupada com os relatos de seus alunos, parecia angustiada: queria entender os motivos pelo qual algumas alunas se queixaram da metodologia adotada pelos professores (dentre eles, eu) que atuam no cursinho preparatório para o vestibulinho da ETEC. Acho importante ressaltar que enquanto educadora popular e imersa num projeto de extensão da minha universidade, não tenho a obrigação de seguir nenhuma matriz

curricular do município de São Paulo. Ou seja, o que vai ser aplicado em avaliações específicas que destinam verba para a escola não são objeto de interesse no curso.

Dito isso, convidei meus colegas - professores de matemática e humanidades - para participar da reunião e ouvir os relatos da diretora. Justificamos que nossas atividades e aulas eram preparadas a partir de metodologias ativas, que visavam tornar o aluno protagonista em sala de aula. Segundo a diretora, algumas alunas disseram a ela que sentiam estar “brincando” nas aulas do cursinho, e não estudando. A reflexão aparece: “estudar” significa ser domesticado? Por que, quando submetidos à tentativa de fugir do modelo tradicional, os alunos sentem que não estão estudando?

Citei, como exemplo de nossas aulas: (1) a elaboração de um cordel, feito pelos alunos, para discutir variações linguísticas, (2) entender figuras de linguagem a partir de músicas escolhidas pelos alunos, (3) discutir direitos humanos a partir de um jogo de batalha naval, (4) gincanas envolvendo uma linha do tempo histórica onde os alunos tinham que pregar, na linha do tempo, os acontecimentos históricos, dentre outras atividades em sala. Assim, a diretora entendeu, com certo tom de pesar, que os alunos da escola estavam acostumados com a metodologia do ensino regular e tradicional, onde os corpos deles deveriam estar na condição de fileiras e de forma regrada, com lápis ou caneta na mão, prestando atenção sempre num professor que falava tediosamente por 50 minutos. Ela, então, suplicou que não mudássemos em nada nossa metodologia.

Marília - a diretora da escola - nesta mesma conversa, mencionou dados alarmantes acerca do desempenho dos alunos diante de provas que regulam o índice daquela escola. A E.M.E.F. Gonzaguinha encontra-se numa lista de escolas ruins, significando que receberá menos recurso do que o ideal. De imediato, me espantei. Disse: “como é possível que esta escola seja considerada ruim? É uma ótima escola! Aqui tem capoeira, bateria, balé, teatro, grêmio, roda de leitura, tem parceria com universidades... minha escola não era assim!”. Concluí, então, que o índice que regula a nota escolar avalia somente o conteúdo dado pelos professores, e esquece de medir a capacidade crítica dos estudantes e se o sujeito está apto para se tornar um leitor do mundo. A diretora, preocupada com a emancipação crítica dos alunos, se encontra de mãos atadas pela indiferença governamental e pelos métodos avaliativos do estado.

A partir deste espanto, fui atrás de entender estes índices: O IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - avalia as escolas a partir do fluxo escolar e de uma média de desempenho a ser feita em avaliações. Ambos são coletados em um

Censo Escolar e nas médias do SAEB⁵ (Sistema de Avaliação da Educação Básica). Tal pontuação, realizada pelo SAEB, é feita a partir de um ranqueamento de “níveis” - de 0 a 9 - a partir das notas dos estudantes. Em Língua Portuguesa, O Gonzaguinha esteve abaixo da média de proficiência com relação às demais escolas (185,71, enquanto as demais possuem 186,99); em Matemática, a escola possui pontuação 200,47, e as demais, 199,28. Cabe ressaltar que apesar de estar acima da média, a nota do Gonzaguinha em anos anteriores foi de 228,14.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As escolas que atuam no modelo formal de educação enfrentam graves problemas que atravessam um ensino já precarizado pelas poucas políticas públicas que os bairros mais periféricos possuem. Isso ocorre graças à um ensino bancário que prevalece por conta das amarras que o Estado impõe: avaliações que medem o desempenho escolar e, a partir desse desempenho, redistribui a verba para cada escola. O que se observa nos corredores das escolas públicas e no comportamento dos professores é uma pressa para desempenhar uma boa nota nas avaliações, sem pensar que o educando precisa se tornar cidadão a partir de uma coletividade, a partir de atividades lúdicas, de uma metodologia ativa, algo que proporcione uma maior criticidade. A educação no estado de São Paulo funciona para destinar recursos.

Palavras-chave: Heliópolis, Educação, Bairro Educador, Resistência, Periferia.

REFERÊNCIAS

BROWN, M.; PRADO, J. Diário de um detento. *In*: RACIONAIS MC's. **Sobrevivendo no Inferno**. São Paulo: Cosa Nostra, 1997.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: O Nascimento da Prisão**. Petrópolis: Vozes, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 65^a Ed. São Paulo: Editora Paz e Terra Ltda, 2018.

GOHN, M. **Educação não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. 5^a Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

⁵ Dados sobre a escola podem ser obtidos em <http://saeb.inep.gov.br/saeb/>.